

# CONSCIÊNCIA DE CLASSE



PUBLICAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO EMANCIPAÇÃO SOCIALISTA

Redes sociais

Nº 38 abr-mai/2026 R\$ 2

**CONTRA A EXTREMA-DIREITA E O NEOLIBERALISMO**

## **POR UMA FRENTE DA ESQUERDA ANTICAPITALISTA**



**2** A RADICALIDADE DA LUTA DOS POVOS INDÍGENAS DO PARÁ

**3** BANCO MASTER: ENVOLVIDOS VÃO DE RICOS AO JUDICIÁRIO

**4-5** OS REVOLUCIONÁRIOS E AS ELEIÇÕES

**6** A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

**7** NOTAS: CUBA E OS 45 ANOS DE BOB MARLEY

**8** ESTADOS UNIDOS E ISRAEL: OS SENHORES DA GUERRA

# POVOS INDÍGENAS NO PARÁ MOSTRAM O CAMINHO

Enquanto a grande mídia e os holofotes da COP30 se voltavam para os pavilhões e as negociações entre diplomatas, a verdadeira ação política acontecia nas trincheiras. A capital paraense viveu um novembro histórico com a Marcha dos Povos Indígenas, que tomou as avenidas com mais de 5 mil guerreiros e guerreiras de povos como Munduruku, Xikrin, Tupinambá e Karipuna. A “Aldeia COP”, montada na UFPA, não foi apenas um espaço de acolhimento, mas um território de articulação política que denunciou o paradoxo da conferência: falar em salvar o clima enquanto privatizava os rios.

Mas foi em Santarém, que a luta atingiu seu ponto mais alto e didático de enfrentamento para a classe trabalhadora. Durante 33 dias, cerca de 2 mil indígenas de 14 povos do Baixo Tapajós ocuparam o terminal da Cargill, uma das maiores multinacionais do agronegócio do mundo.

O estopim foi o Decreto nº 12.600/2025, assinado por Lula, incluindo os rios Tapajós, Madeira e Tocantins na lista de privatização. Na prática, a medida entregava à iniciativa privada – com a Cargill na linha de frente – o controle da dragagem e do tráfego de embarcações em mais de 2 mil Kms de rios. Para o capital, trata-se de “logística” e “escoamento da safra”. Para os povos originários, trata-se da vida, da reprodução física e cultural, da própria possibilidade de existir.

## A radicalidade como método

Diante da intransigência do governo e da força do lobby do agro, os indígenas entenderam que as conversas nos gabinetes não ia dar em nada, foram para o confronto direto. Ocuparam o terminal da empresa estadunidense, paralisaram as operações e desafiaram os poderes Judiciário e o Executivo. O

grito era: “Nossos rios não estão à venda”.

Esta ocupação não foi um mero ato simbólico. Foi uma ação direta que atingiu o coração do lucro do agronegócio. A Cargill, que lucra bilhões destruindo o meio ambiente e explorando o trabalho, viu sua engrenagem parar. E o resultado foi a vitória: no dia 23 de fevereiro, os ministros Guilherme Boulos e Sônia Guajajara anunciaram a revogação do decreto.

## O que isso nos ensina?

A luta dos povos indígenas no Pará recoloca para a esquerda uma lição fundamental: o problema indígena é, essencialmente, um problema econômico e de propriedade da terra. Não se resolve com assistencialismo. Somente políticas de reparação que enfrentem o capital podem trazer mudanças favoráveis aos povos originários. É preciso, portanto, avançar na luta e pautar a questão indígena reivindicando primordialmente a devolução dos territórios tomados pelo agro e a proteção dos mesmos.

A vitória no Tapajós escancara a contradição do atual governo. Enquanto a Ministra Sônia Guajajara discursa na Zona Azul da ONU sobre protagonismo indígena, o mesmo governo tentava viabilizar a privatização dos rios para beneficiar o agro. A revogação não veio por bondade, mas pela força da ocupação.

Não se enganem: os mesmos ministros que hoje comemoram a vitória foram os mesmos que tentaram enfraquecer os lutadores do enfrentamento pregando “diálogo”, conciliação e paciência. A história mostra que, quando se negocia fraco, o capital avança. Foram as correntes no porto da



Cargill, e não os discursos no palco da COP, que garantiram a vitória.

## A unidade na luta

A mobilização no Pará também reforça a importância da unificação da luta entre a classe trabalhadora e os povos originários. A luta contra a privatização dos rios é a mesma luta do trabalhador urbano contra a carestia, contra a precarização e contra a exploração. O inimigo é o mesmo: o imperialismo, personificado na Cargill, e a burguesia associada ao latifúndio.

O movimento indígena tem mostrado que a defesa da floresta não é uma pauta “ambientalista” descolada da realidade de classes. É a defesa de um modo de vida comunitário que resiste ao avanço do capital, e que aponta para a possibilidade real de uma sociedade baseada em outras relações com a natureza e entre os seres humanos.

A vitória no Tapajós é um marco. Mas a luta continua. A bancada ruralista segue atacando direitos no Congresso, e a exploração mineral e o garimpo seguem envenenando os rios e os corpos. Que a lição dos guerreiros e guerreiras do Tapajós sirva de exemplo: a unidade, a organização e a radicalidade na ação direta é o único caminho para arrancar conquistas.

Como diz o movimento indígena: “O grito que vocês ouvem é para dizer ao mundo que a resposta somos nós”. A classe trabalhadora, a juventude e os explorados devem responder: estamos juntos nesta mesma luta.

# VORCARO E OS PODRES PODERES DA DEMOCRACIA BURGUESA BRASILEIRA

A fraude do Banco Master é uma das maiores da história do Brasil, um rombo de mais de R\$ 50 bilhões. Daniel Vorcaro, o dono do banco, utilizava fundos de investimento e carteiras de crédito fictícias para esconder o caos da instituição.

Mais de 1,6 milhão de credores afetados e um prejuízo de dezenas de bilhões de reais. Só o BRB de Brasília, a mando de Ibaneis Rocha injetou R\$ 16,7 bilhões, tendo um prejuízo de mais de R\$ 8 bilhões. Em 2023, o escritório do seu filho recebeu R\$ 43 milhões da Reag, ligada ao Banco Master. Já o fundo de pensão RIOPREVIDÊNCIA aplicou, por decisão do bolsonarista Cláudio Castro, quase R\$ 1 bilhão em títulos do Banco Master, ignorando os alertas do TCE-RJ.

Em 18 de novembro, o BC decretou a liquidação do Master e de outras instituições ligadas ao banco. Depois o dono do banco foi preso preventivamente quando tentava fugir para a Europa. Solto dias depois, mas foi preso novamente porque estava intimidando opositores através de matadores de aluguel.

Nesse contexto, Luiz Phillipi Mourão, o “Sicário”, que fazia esses serviços para Vorcaro, também foi preso e dias depois tentou o suicídio, morrendo dois dias depois. Vorcaro está negociando uma delação premiada, já marcada pela disputa entre a PF, com o apoio do Ministro bolsonarista André Mendonça) e PGR, mais aceita pelos Ministros do STF envolvidos com o Banco Master.

A lista de envolvidos é grande...

## Ministros do STF, governo, “Centrão” e bolsonaristas, todos na lama de Vorcaro

O STF era, até o caso Banco

Master, a instituição mais sólida da democracia burguesa brasileira e funcionava como um poder moderador entre o governo Lula e o Congresso. No entanto, as investigações da PF mostraram que os tentáculos de Vorcaro alcançavam Ministros da Corte. Dias Toffoli pegou carona num jato particular com advogado do Master e sua família tem negócios com Vorcaro, o que levou o ministro se declarou impedido. Já Alexandre de Moraes viu o seu nome envolvido em função do contrato de R\$ 80 milhões do banco com o escritório de advocacia de sua esposa.

O escritório de advocacia da família de Ricardo Lewandowski, ex-ministro da Justiça e STF, recebeu cerca de R\$ 5 a 6 milhões do Banco Master por consultoria jurídica entre agosto de 2023 e setembro de 2025. Até Lula atendeu Vorcaro, em uma reunião não oficial no Palácio do Planalto, em dezembro de 2024.

Lula teme que a delação premiada do banqueiro aponte relações do banco com ministros do governo, como a já apontada relação da empresa da nora do senador petista Jacques Wagner por um contrato de R\$ 11 milhões. Já o Banco Central teve 65 reuniões com o Master de 2019 a 2025. O bolsonaristas e ex-presidente do BC, Roberto Campos Neto, mesmo sabendo dos problemas, não tomou nenhuma medida para conter o prejuízo.

A oposição de direita também está metida até o pescoço com Vorcaro: ACM Neto (União Brasil) recebeu R\$ 3,6 milhões do banco. Também Antonio Rueda (União Brasil) ganhou



valores não revelados. Hugo Motta (Republicanos-PB) recebeu empréstimos de R\$ 22 milhões. E o deputado de extrema-direita, Nikolas Ferreira (PL-MG) utilizou o jatinho de Vorcaro 9 vezes para fazer a campanha de Bolsonaro em 2022.

Tarcísio de Freitas de São Paulo também está nessa. Recebeu doação do cunhado de Vorcaro e há suspeitas da aplicação de R\$160 milhões da estatal (agora privatizada) EMAI ser parte das falcatruas para privatização da SABESP.

Enfim, como em todos os casos de corrupção, os poderes da República estão de braços dados com os corruptores.

## Pela estatização de todo o sistema financeiro

A classe trabalhadora não pode deixar que tudo acabe em pizza. Ou que o caso Master se torne uma nova “Operação Lava-Jato”, que foi patrocinada pelo Departamento de Estado estadunidense e que acabou desembocando na eleição de Bolsonaro em 2018.

A única forma de denunciar o controle de todos os bancos sobre as instituições de poder no Brasil é defender a estatização de todo o sistema financeiro, sob o controle dos trabalhadores. Essa bandeira jamais será defendida pelo governo Lula e pela oposição de direita.

# ATUAR NO PROCESSO ELEITORAL COM UMA POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA

**E**stá chegando mais um processo eleitoral e, mais uma vez, abre-se o debate sobre como a esquerda anticapitalista deve atuar. Nessa conjuntura complicada esse debate é ainda mais importante.

Para nós, trata-se de uma questão tática, ou seja, de como construir uma “política revolucionária” nesse período histórico “situação defensiva com elementos reacionários dentro de uma etapa histórica reacionária”, em

## BOLSONARISMO E A EXTREMA-DIREITA

**A**s forças reacionárias cresceram muito no Brasil nos últimos anos. Colocamos nesse “balaio” desde os setores da “direita institucional” até a extrema-direita. Porém, não são homogêneas, pois há muitas diferenças, principalmente na extrema-direita.

Há várias lideranças da extrema-direita pelo país, como Ratinho Júnior, Zema e Ronaldo Caiado, mas o bolsonarismo é a principal força política da extrema-direita. Bolsonaro, mesmo preso, influencia diretamente a escolha das candidaturas do PL. Ele segue sendo sua principal liderança.

O bolsonarismo não conseguiu uma mobilização capaz de forçar a libertação de Bolsonaro, mas eleitoralmente tem se mostrado bastante vigoroso, tanto na candidatura a presidente quanto nos estados e principalmente para o Senado. É um perigo real.

As diferentes forças da extrema-direita se identificam em muitos pontos. Defendem um modelo econômico privatista (até de escolas...), a redução dos serviços públicos (saúde, educação, transporte etc.), uma polícia violenta nas comunidades pobres e mais reformas para reduzir direitos trabalhistas e sociais, e mais uma reforma da previdência.

Outro ponto comum entre eles, e bastante preocupante, é a defesa de um regime político duro, restringindo ao máximo as liberdades democráticas.

Enfim, este é um projeto que precisa ser derrotado.

que as organizações revolucionárias se encontram marginalizadas e é preciso impulsionar a classe trabalhadora para avançar para uma consciência classista.

Mas há correntes que focam em ganhar espaço no parlamento e reforçar a atuação institucional. Também há grupos da esquerda que se restringem às críticas (corretas) ao processo eleitoral, mas se abstêm da disputa pela consciência da classe trabalhadora. Eles não se dedicam a aproveitar o momento para falar das propostas socialistas e mostrar que o capitalismo nunca vai resolver os problemas sociais, pois, afinal, ele mesmo os cria.

## Democracia burguesa é para dominar a classe trabalhadora

Começamos por entender o papel da democracia burguesa (ou liberal). Um regime político com algumas liberdades democráticas é mais progressivo quando comparamos com uma ditadura ou com o fundamentalismo político (como Israel e Irã), mas, de conteúdo, é uma forma burguesa de dominar a classe trabalhadora, ou seja, é uma ditadura do capital contra os trabalhadores.

Por isso nunca falamos abstratamente de democracia, como se fosse possível tê-la em qualquer situação histórica. Basta a gente se revoltar contra a miséria e logo vemos o Estado impor sobre nós a força da repressão e mover as mídias para distorcer a realidade. Podemos citar as guerras dos “Estados democráticos” contra outros povos, como, por exemplo, o povo palestino.

Eleições não são referência para dizer que temos uma democracia real, pois o poder econômico é uma força determinante para um parlamentar se eleger. Como um trabalhador pode ganhar de alguém financiado pelos bancos ou pelo agronegócio? Nunca.



Por isso, nesse período eleitoral denunciamos o poder burguês e chamamos a classe trabalhadora para não se iludir que, elegendo alguém, vamos melhorar nossa vida. A experiência com o PT na presidência prova que é impossível as instituições burguesas fazerem algo em prol da classe trabalhadora. A única alternativa da classe é se organizar e acreditar nas suas próprias forças, com independência da burguesia e do Estado burguês.

## Uma resposta anticapitalista para a crise capitalista

As eleições não podem ser o centro da atuação da esquerda anticapitalista, mas sim a luta direta. A estratégia é ajudar a classe trabalhadora adquirir consciência e fortalecer o movimento de massas para tomar as ruas e enfrentar os ataques contra nossos direitos.

Nesse sentido, ter um programa que responda às necessidades da classe trabalhadora é fundamental. Assim, podemos aproveitar esse momento de crise econômica e social — quando há mais espaço para as ideias revolucionárias — e apresentar uma alternativa por fora do sistema. Enfim, a nossa tática consiste em mostrar para os trabalhadores a diferença entre os projetos socialista e o da burguesia.

Esse projeto socialista deve partir das questões imediatas, mas apontar para medidas radicais e de superação do capitalismo. Também propor mecanismos da democracia operária, ou seja, quem produz a riqueza deve decidir sobre os rumos da sociedade, indicando que a única forma de alcançar essas conquistas é com a Revolução Socialista.

# POR UMA FRENTE DA ESQUERDA ANTICAPITALISTA

Uma organização revolucionária pode ter o melhor e mais completo programa, mas se não existir um movimento para sustentá-lo, não passará de frases vazias. Como diz Marx, a teoria só adquire força material quando são apropriadas pela classe trabalhadora.

E esse é o maior desafio da esquerda anticapitalista, ser protagonista e ter a capacidade de mobilizar a classe trabalhadora, atuar nos processos reais da luta de classes, ajudando a classe avançar na sua consciência contra o sistema. Mas, nenhuma organização consegue cumprir essa tarefa sozinha.

Por isso, vemos como uma necessidade (e urgente) construir espaços de unidade. E não se trata de vontade de uma ou outra organização, mas uma necessidade objetiva para a classe trabalhadora ter uma alternativa ao neoliberalismo petista e à extrema-direita. Sem alternativa, os trabalhadores ficarão presos entre o lulismo-petismo e a extrema-direita, entre “o pior” e o “menos pior”.

É para dar forma a esse movimento, nós de Emancipação Socialista defendemos a construção de frente da esquerda anticapitalista, formada pelos partidos anticapitalistas legalizados, movimentos sociais da cidade e do campo, organizações revolucionárias não legalizadas e ativistas independentes, num amplo movimento e com um programa anticapitalista. Uma plenária democrática definiria as candidaturas e esse programa.

Seria um movimento forte que poderia atrair a atenção de uma parte importante da classe trabalhadora, reorganizar suas forças e partir para a ofensiva

contra a burguesia. Uma frente para organizar as lutas e se colocar como uma alternativa eleitoral.

## A posição contraditória da esquerda anticapitalista

Ignorando essa necessidade, PSTU, UP e PCB já lançaram suas candidaturas, priorizando os interesses partidários e abrindo mão da construção de um movimento da classe trabalhadora. Como são candidaturas sem forte inserção no movimento, nessas condições, a tendência é chegarem a algumas dezenas de milhares de votos.

Sabemos das muitas diferenças políticas entre esses partidos e outros agrupamentos da esquerda anticapitalista, mas também há concordâncias suficientes para um programa radical e anticapitalista, com propostas para resolver os problemas da classe trabalhadora.

Mas, para isso acontecer, é preciso que esses partidos retirem suas candidaturas e iniciem um debate para definir os candidatos ao executivo em comum. Nós, da Emancipação Socialista, defendemos a realização de plenárias para fechar o programa unificado e as candidaturas. Nessas plenárias, também se pode decidir sobre as questões programáticas que unifiquem as forças anticapitalistas.

Pela concepção auto proclamatória, essa frente só vai se concretizar se os ativistas fizerem uma forte pressão sobre a direção desses partidos. Precisamos de ajuda para batalhar por essa unidade e a construir um movimento político que promova a saída dos trabalhadores desse cerco em que essas candidaturas burguesas os colocaram.

## Não vamos pagar pela crise: um programa para resolver a crise a favor da classe trabalhadora

- Nem a extrema-direita, nem o programa neoliberal do PT e seus aliados! Por uma frente da Esquerda anticapitalista!
- Não pagar a dívida pública!
- Universalização dos serviços públicos (saúde, educação, segurança etc.)!
- Estatização do sistema financeiro sob controle dos trabalhadores!
- Taxar os super ricos!
- Abaixo o arcabouço fiscal e a política da Frente Ampla!
- Para combater a miséria: salário-mínimo do Dieese para todas/os!
- Fim da escala 6x1! Redução da jornada de trabalho para 36 horas, sem redução salarial!
- Direitos trabalhistas para os trabalhadores por aplicativo!
- Contra o agronegócio destruidor do meio ambiente: terra para quem nela trabalha: reforma agrária já!
- Reforma urbana! Nenhum imóvel desocupado! Congelamento dos aluguéis!
- Por um programa anticapitalista em defesa do meio ambiente e contra o colapso ambiental!
- Territórios indígenas para os povos indígenas! Abaixo marco temporal!
- Contra o racismo! Cotas raciais nas universidades e empregos públicos!
- Direito ao aborto seguro e público garantido pelo SUS!
- Em defesa dos direitos da população LGBTQIA+! Combate à homofobia e à transfobia!
- Enfrentar o machismo! Medidas efetivas para combater a violência contra as mulheres!
- Não à criminalização dos movimentos sociais!
- Petrobras 100% estatal! Todos os recursos minerais sob controle dos trabalhadores!
- Cadeia e perda de direitos políticos para corruptos e corruptores!
- Em defesa do povo palestino. Palestina livre, do rio ao mar! Abaixo o sionismo!
- Pela soberania da Venezuela e do Irã!



**C**om muita força, mulheres cis, trans, negras, indígenas e brancas somadas a homens têm feito denúncias de casos de feminicídios, estupros e demais opressões. Em São Paulo, recentemente, com o assassinato de uma policial militar veio à tona novamente o cotidiano das relações abusivas.

Somente no Rio de Janeiro, de novembro/2025 para cá, outros casos causaram fortes indignações. Um desses casos foi um duplo feminicídio, ocorrido nas dependências da CEFET (Campus Maracanã) em que um homem atirou em duas "colegas" de trabalho e depois se suicidou. Outro caso, em janeiro, com uma adolescente de 17 anos conduzida pelo ex-namorado a um local onde a estuprou com um coletivo de homens. Dias depois, duas adolescentes denunciaram que foram vítimas de estupro coletivo por esses mesmo estudantes e ex-estudantes do Colégio Pedro II.

### **Violência de gênero e opressão de classe**

O patriarcado, parte da estrutura do sistema capitalista, atribui à biologia questões que são resultados de uma construção social. A força física e de trabalho da mulher ditaram as tarefas que “deveriam” cumprir. Assim, as funções de cuidar de crianças, idosos, irmãos mais novos e da casa foram impostas à mulher. Na verdade, não pela natureza de seus corpos e suas emoções, mas por um modelo de organização social.

Toda essa ossatura da sociedade pode ser modificada e será transformada no comunismo. Conforme as revolucionárias

## **CAPITALISMO: INSEPARÁVEL DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES**

Alexandra Kollontai e Clara Zetkin, o cuidado das crianças é dever de todos, assim como as tarefas domésticas. Isto não pode ser prisão para a mulher.

Evidentemente, denunciar a opressão de gênero como um dos sustentáculos da sociedade tem sua importância, mas nós marxistas reconhecemos que todas esses problemas são tratados de diferentes formas na sociedade dividida em classes sociais. Para além das clivagens de cor, religião e orientação sexual, a classe social desempenha papel fundamental na carga de opressão que a pessoa é obrigada a suportar.

Em um dos casos citados anteriormente, a adolescente estuprada (pelo grupo de estudantes criminosos) foi levada ao local do crime e não tinha dinheiro para fugir de lá. Isto mostra que a condição financeira contribui com a gravidade do problema e afeta também as mães, pais, etc. que são obrigados a trabalhar com longas jornadas, sem assistência e com baixos salários. Em casos como os citados, as mulheres sempre são culpabilizadas (por acompanhar aquele homem, por engravidar, etc.) ainda mais as em condição de pobreza. O recorte de classe, raça e mulheres indígenas impõe ainda maior vulnerabilidade, ou seja, as que precisam trabalhar para sobreviver e se defender.

### **Brasil: recorde de feminicídios em 2025**

O país registrou, no ano passado, o aumento de 4,7% de feminicídios, 1568 vítimas. Quatro mulheres ou meninas são mortas por dia no Brasil. No mundo, a cada 10 minutos um dito parceiro ou familiar comete esse tipo de crime. A maior parte das vítimas com baixa informação e na faixa de pobreza. Os assassinatos de pessoas trans no Brasil continuam em primeiro lugar

e ao menos 80 casos ocorreram no ano passado. Em 2024 chegaram a 122 casos. A imensa maioria desses crimes demonstra a dimensão do ódio a essa população. As mortas são, quase sempre, mulheres trans e travestis. Homens trans são vítimas em menor intensidade. Estes dados podem demonstrar que o universo do feminino engloba as mulheres trans. Um exemplo foi a eleição de Erika Hilton para presidir a Comissão da Mulher na Câmara o que causou indignação daqueles que levam somente os aspectos biológicos como determinantes do gênero. Porém, a predominância de assassinatos de mulheres trans sobre os crimes contra homens trans nos prova que não é bem assim.

### **As guerras e os genocídios de mulheres**

O extermínio de mulheres grávidas e crianças, ataque às maternidades e escolas ocorrem na Palestina pelo Estado ilegítimo de Israel e o aliado Estados Unidos para extinguirem população palestina. O filme tunisiano A Voz de Hind Rajab é a história real de uma menina de 5 anos que aguardou por três horas, no carro com familiares mortos, por ajuda do Crescente Vermelho. O corpo da sofrida menina foi resgatado meses depois.

O primeiro bombardeio deste ano ao Irã também denota a intenção de exterminar corpos femininos, pois aconteceu em uma escola de meninas e matou cerca de 170. Nas guerras a maioria é de homens jovens que lutam, mas as mulheres são as procuradas, assassinadas e vítimas de estupros que as mantêm como mães solo com crianças abandonadas.

Essa é a sociedade capitalista opressora, machista, racista, LGBTfóbica, dividida em classes sociais e que precisamos lutar para destruí-la. Nenhuma a menos!

## EM DEFESA DE CUBA E DO POVO CUBANO!

**A** Revolução Cubana foi o resultado da ação heróica dos guerrilheiros do Movimento 26 de Julho combinada com a Greve Geral insurrecional feita pelos trabalhadores. Depois, a classe trabalhadora cubana ajudou a revolução avançar para além dos limites propostos pela direção do M-26, como a reforma agrária, a estatização da propriedade, virou uma referência mundial no combate ao analfabetismo e na saúde e um exemplo para os lutadores no planeta.

Em resposta, os Estados Unidos tentaram a invasão na Baía dos Porcos, mas fracassaram. A solução ianque passou a ser o bloqueio econômico à ilha. Em resposta, o governo cubano alinhou-se com o bloco soviético, para sobreviver economicamente. Como reflexo, Fidel Castro passou a seguir as diretrizes dos burocratas de Moscou e ajudou a frear os processos revolucionários em países latino-americanos, como o Chile de 1973; a Nicarágua em 1979 e El Salvador, nos anos 80.

A conta dessa escolha viria: o desmoronamento do bloco soviético, nos anos 1990, levou a economia cubana quase o colapso. Pragmático, Castro adotou o chamado “socialismo de mercado”, que, embora tenha garantido a sobrevivência do regime burocrático, trouxe um

aumento da desigualdade social.

A restauração capitalista avançou na ilha. Em 2021, houve a legalização da propriedade privada, da entrada de capital estrangeiro e a formação de empresas particulares com incentivo estatal. Surgiu uma nova burguesia, oriunda de burocratas corruptos, do mercado paralelo e das privatizações. Em consequência, muitos subsídios à população (vítima de apagões e racionamentos) foram cortados.

Com a invasão à Venezuela, Donald Trump proibiu o país, o maior fornecedor de petróleo para Cuba, de seguir exportando. O mesmo ocorreu com o México, segundo exportador, também ameaçado pelos EUA. Trump aposta que a insatisfação popular seja dirigida por setores contrarrevolucionários ou dissidentes da burocracia, a favor da restauração capitalista. Ou seja, provoca a fome no povo para derrubar o governo.

Já o governo Lula, que se diz solidário à Cuba, nada faz. A China, que comanda o BRICS, também lava as mãos. E a burocracia cubana é cúmplice do Capital.

Enfim, está nas mãos do povo cubano e na solidariedade da classe trabalhadora do mundo para barrar o aprofundamento da restauração capitalista em Cuba.

## 45 ANOS SEM BOB MARLEY

**O** dia 11 de maio deste ano de 2026 (Dia Nacional do Reggae no Brasil) marca os 45 anos da morte de Bob Marley, até hoje o principal nome da história do reggae. Foram mais de 75 milhões de discos vendidos, o que confere a ele o status de maior artista de um país periférico do ponto de vista do resultado comercial. Nascido no interior da Jamaica, um dos países mais pobres do planeta, Bob ganharia o mundo com sua arte.

O reggae sempre foi mais do que um ritmo contagiante, suave, embalado ou romântico: representou uma voz de luta, resistência e transformação social. Desde a Jamaica e das periferias, boa parte das músicas deste ritmo ecoou e ainda ecoa mensagens de justiça, igualdade e liberdade.

Percebemos o panafricanismo, movimento típico dos anos 1970, em canções como “Africa, Unite”: “Porque estamos saindo da Babilônia / E nós estamos indo para a terra de nossos ancestrais / Quão bom e quão agradável seria / Ante Deus e o homem, sim / Ver a unificação de todos os africanos, sim”. Na letra, o sentimento antissistêmico (antibabilônico) se combina com a visão rastafari, religião de Bob Marley, que se traduzia num movimento espiritual e cultural que pregava a adoração de Jah, a divindade de Haile Selassie I (Imperador da Etiópia) e a valorização da cultura africana.

Há, neste contexto, fortes elementos de resistência contra o sistema opressor: o uso ritual de cannabis para meditação (obviamente também como marca de protesto), o amor ao próximo, o anticolonialismo e o retorno espiritual e físico à África.

Outra letra fundamental do trabalho de Bob é “Get Up, Stand Up” (luta por direitos): “Pastor, não me diga / que o paraíso está embaixo da terra / Você não sabe quanto / A vida realmente vale / Nem tudo que brilha é ouro / Só metade da história foi contada / E então agora que você enxergou a luz, é! / Lute pelos seus direitos, vamos lá! / Levante, resista, lute pelos seus direitos! / Levante, resista, não desista da luta!”.

Fica registrada aqui nossa homenagem ao cantor falecido muito jovem, aos 36 anos, vitimado por um câncer raro iniciado debaixo da unha de um dedo do pé. Como ele negou a amputação recomendada, o câncer espalhou-se na forma de metástase.

Bob se foi, mas o reggae se faz presente como uma das maiores expressões culturais das periferias e com um perfil antissistêmico evidente.



# OFENSIVA CONTRA O IRÃ: ESTADOS UNIDOS-ISRAEL MAIS AGRESSIVOS NO ORIENTE MÉDIO!

**A** guerra imperialista dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã está completando um mês. Trata-se de uma guerra organizada, minuciosamente, por Trump e Netanyahu.

O custo desta guerra é enorme. Em março, o governo Trump solicitou ao Congresso mais US\$ 11 bilhões para cobrir os custos iniciais. O Ministério das Finanças de Israel prevê gastos militares de três bilhões de dólares, por semana.

A ampliação desta guerra contra o Líbano também é devastadora. Os bombardeios afetam todo o sul do país, bem como a capital, Beirute, e áreas do Vale do Bekaa. Israel emitiu ordens de evacuação para todo o sul do Líbano, o que indica uma ocupação militar em preparação para, eventualmente, avançar em direção à capital.

O objetivo de Netanyahu é derrubar o regime e mergulhar o país em uma guerra civil que leve à fragmentação política, religiosa, étnica e territorial, seguindo o modelo da Síria ou da Líbia. Só pode sobreviver mediante a estratégia de “guerra permanente” no Oriente Médio, como demonstra nos bombardeios contra o Líbano.

Do lado de Trump, o que não pode permitir é afundar os Estados Unidos em outra “guerra eterna” que consuma meios e recursos.

Apesar da superioridade militar da aliança entre Estados Unidos e Israel, isso por si só não foi suficiente para forçar a rendição ou o colapso do regime iraniano.

## **Irã mostra capacidade de resistência**

O fechamento do Estreito de Ormuz, por onde circula 20% do comércio internacional de petróleo, desencadeou uma grande crise energética. Os ataques

militares a navios petroleiros e a paralisação do tráfego marítimo no Golfo impactam negativamente a economia mundial, elevando a inflação e levando o barril de petróleo a mais de 100 dólares. O Irã anunciou que o bloqueio no Estreito de Ormuz é seletivo: países que compram petróleo usando a moeda chinesa podem passar.

Mojtaba Khamenei agora lidera o regime político teocrático e ultraconservador após o assassinato de Ali Khamenei, sustentando uma linha desafiadora contra os Estados Unidos. Regime que sofreu duros golpes, mas tem resistido. Teerã continua respondendo militarmente, em seu direito à autodefesa contra a agressão imperialista. Com isso, desgasta os sistemas de defesa inimigos, bombardeia embaixadas norte-americanas e aliados de Trump no Golfo Pérsico.

Estes, por sua vez, endurecem medidas contra o Irã e ampliam o apoio logístico e financeiro à ofensiva liderada por Estados Unidos e Israel. São países como Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Qatar, entre outros.

As monarquias árabes estão sendo puxadas para esta ofensiva. E estão secretamente pressionando os Estados Unidos a lançarem um ataque que paralisaria completamente o Irã. Por outro lado, um ataque direto ao Irã as colocaria como combatentes declarados diante de um rival maior do outro lado do Golfo.

Um fato que chamou a atenção: pela primeira vez, Teerã mirou uma aeronave norte-americana desde o início da guerra, em 28 de fevereiro deste ano. O caça que foi atingido é da quinta geração, sendo o mais moderno do arsenal dos



Estados Unidos. Ele sobrevoava o território iraniano. Anteriormente, os Estados Unidos só tinham perdido em combate três caças deste modelo.

Registre-se que o regime político do Irã se colocou, em inúmeras ocasiões, como inimigo implacável das massas trabalhadoras e populares do Irã, responsável pela perseguição das mulheres e pela repressão às greves operárias no país.

Entretanto, o povo iraniano enfrenta uma situação muito difícil. O número de mortos já passa dos milhares, sendo centenas crianças, além de ampla destruição de escolas, hospitais, reservatórios de petróleo, centros de produção e distribuição de gás, o que tem contribuído para unidade política interna.

Hoje, apesar do caráter profundamente reacionário e opressor do regime iraniano, e sem lhe dar nenhum apoio político, consideramos que uma derrota dos Estados Unidos, do Estado sionista e de seus aliados abriria novas possibilidades para os explorados e oprimidos do mundo.

➔ Abaixo a guerra imperialista contra o Irã! Pela derrota dos Estados Unidos e de Israel!

➔ Pelo fim dos bombardeios no Líbano! Pela retirada total das tropas estadunidense da região!

➔ Em defesa da soberania do povo iraniano!